



ERNESTO NAZARETH (1863-1934)  
Luiz Antonio de Almeida

Ernesto Júlio de Nazareth nasceu na cidade do Rio de Janeiro, aos 20 de março de 1863, em casa identificada pelo nº 9, da Rua do Caminho Velho de Santa Thereza (atual Rua Vidal de Negreiros, nº 46), no Morro do Nheco (depois chamado Morro do Pinto), no flanco da Praia do Saco do Alferes, no bairro de Santo Cristo. Era filho de Vasco Lourenço da Silva Nazareth, despachante aduaneiro, e Carolina Augusta da Cunha Nazareth.

Ainda criança, iniciou seus estudos de piano com a mãe, excelente pianista. Já aos 10 anos, sofreu violenta concussão na cabeça, ao cair de uma árvore, iniciando-se, assim, uma série de problemas auditivos que o levariam, no correr dos anos, à quase completa surdez.

Em 1874, após o falecimento de Carolina Augusta, passou a receber lições de Eduardo Madeira, amigo da família, e, mais tarde, de Charles Lucièn Lambert, afamado professor negro, de New Orleans, aqui radicado. Com o primeiro estudou cerca de ano e meio. E com o segundo teve, aproximadamente, oito aulas. Depois disso, seguiu sozinho, fazendo-se praticamente autodidata.

Quanto aos estudos propedêuticos, estes foram ministrados pelo padre Belmonte, no Colégio São Francisco de Paula, à Praça Tiradentes.

Aos 14 anos, em 1877, compôs sua primeira música, a polca-lundu *Você bem sabe*, dedicada a seu pai, Vasco Lourenço, e editada, no ano seguinte, 1878, pela Casa Arthur Napoleão & Miguèz, situada à Rua do Ouvidor, nº 89.

Em 22 de outubro de 1879, na cidade de Niterói, Ernesto Nazareth, com a idade de 16 anos, tomou parte com seu professor, Eduardo Madeira, de recital promovido por uma sociedade recreativa denominada Philharmonica Nictheroyense; podendo ter sido sua primeira apresentação pública, enquanto não se conhece outra com data mais antiga. Desse evento, também tomaram parte o flautista e compositor Viriatto Figueira da Silva (considerado um dos “pais” do Choro) e o lendário violinista e compositor cubano Joseph Silvestre White. Nesse mesmo ano, já com características do “tango brasileiro”, gênero que posteriormente consagraria seu nome, viu publicada a polca *Cruz, perigo!!*, rapidamente popularizada.

Aos 8 de março de 1880, doze dias antes de completar 17 anos, tomou parte de um recital no Salão do Clube Mozart, também com a presença do flautista e compositor Viriattto Figueira da Silva. Dois dias depois, aos 10 de março, em local não identificado, apresentou-se em recital promovido por outro jovem pianista, Arthur Camillo, interpretando com seu professor, Eduardo Madeira, uma versão para quatro mãos da ópera *Le Prophète*, de Giacomo Meyerbeer.

Composta e impressa em 1881, a polca *Não caio n'outra!!!* tornou-se, pelo número de reedições, seu primeiro grande sucesso.

Entre 1881 e 1884, Ernesto Nazareth participou de quatro recitais: Salão do Congresso, do Club Gymnastico Portuguez, promovido pela Associação Central Emancipadora, em novembro de 1881; Salão do Congresso Brasileiro, do Club Gymnastico Portuguez, também promovido pela Associação Central Emancipadora, em setembro de 1883; Club do Engenho Velho, em abril de 1884; Salão do Congresso Brasileiro, em setembro de 1884.

Publicada pela “Gazeta de Notícias”, aos 26 de setembro de 1884, em sua coluna “Balas de Estalo”, o célebre escritor Machado de Assis fez comentários a respeito da polca *Gentes, o imposto pegou?*, de Nazareth.

Em 1885, participou de concertos nos seguintes clubes: Rio Comprido, em janeiro; Engenho Velho, em maio e junho; Riachuelense do Engenho Novo, em julho; São Cristóvão, em setembro.

No ano seguinte, aos 14 de julho de 1886, na Igreja de São Francisco Xavier do Engenho Velho, casou-se com Theodora Amália Leal de Meirelles (1852/1929); que passou a assinar Theodora Amália Meirelles de Nazareth. Desta união nasceram: Eulina (1887/1971), Diniz (1888/1983), Maria de Lourdes (1892/1917) e “Ernestinho” (1896/1962). No mês de outubro (1886), ainda tocou no Clube Rossini, situado no bairro do Flamengo.

Nesse tempo, vivia Ernesto Nazareth, principalmente, das aulas particulares de piano, de tocar em bailes, batizados e casamentos e, por último, da venda de suas composições.

Em 1889, apareceu editada sua décima-terceira polca, *Atrevidinha*, e compôs a quadrilha *Chile-Brasil*, que só viu publicada tempos depois (1897). Já em dezembro, desse mesmo ano, foi nomeado “praticante” (ou 3º escriturário) do Tesouro Nacional, sendo, esta, a primeira das duas únicas atividades assalariadas que teve em sua vida, exercendo-a até abril de 1891.

Aos 25 de junho de 1893, na companhia de outros músicos, apresentou-se em Petrópolis, no Cassino Petropolitano, em recital promovido pela Escola Santa Cecília, interpretando a Valsa op. 64, em dó sustenido menor, de Chopin e, de sua própria autoria, a gavota *Corbeille de Fleurs*, publicada anos mais tarde (1899).

Também, no mesmo ano, teve impressos pela primeira vez um “tango” e uma valsa: *Brejeiro* e *Julita*, respectivamente. Quanto ao *Brejeiro* e a valsa *Helena* (1896), estes se tornaram, em seus respectivos gêneros, os maiores sucessos de Nazareth no século XIX.

Já por volta de 1894, começou a trabalhar como pianista demonstrador da Casa Vieira Machado & Cia., à Rua dos Ourives (depois Rua Miguel Couto), nº 51.

Em 1895, viu publicados pela Casa Arthur Napoleão & Cia., o “tango” *Myosotis* e a valsa *Crê e espera*. E, no ano seguinte, 1896, aos 29 de outubro, compareceu a soirée da família Dias da Cruz, seguida de baile, na qual se destacou interpretando a *Grand Fantaisie Triomphale Sur L'Hymne National Bresilien*, de Louis Moreau Gottschalk.

Por iniciativa do Clube de São Cristóvão, apresentou-se, em 1898, no Salão Nobre da Intendência da Guerra; desconhecendo-se, contudo, a data exata e o programa executado. Já no ano seguinte, 1899, saiu a primeira edição de *Turuna*, “grande tango característico”.

Em 1901, Ernesto Nazareth terminou *Batuque*, “tango característico”. E, no ano seguinte, 1902, sob os auspícios da Casa Edison (Odeon), teve uma composição sua pela primeira vez registrada em disco: *Está chumbado* (zon-O-phone/X-1.055), gravada pela Banda do Corpo de Bombeiros, sob a regência de Anacleto de Medeiros.

Já em 1903, compôs a valsa *Coração que sente*, publicada em 1905, e começou a trabalhar como pianista demonstrador da casa de música Manoel Antonio Gomes Guimarães, à Rua Rodrigo Silva, nº 14 (antiga Rua dos Ourives, nº 10), tendo por esse estabelecimento publicado, entre outras composições, a valsa *Expansiva*, sua peça mais conhecida no gênero, por muitos anos.

Desse ano até o seguinte, 1904, esteve pessoalmente com três celebridades da música universal: o violoncelista e compositor espanhol Pablo Casals (que teria incluído, em recital, uma obra não identificada de Nazareth), o pianista e compositor francês Camille Saint-Saens, e o pianista, regente e compositor norte-americano Ernest Schelling; comentando-se muito, em o meio musical da época, o fato de este último ter retornado ao seu país levando bom número de composições do músico brasileiro.

Em 1905, saiu em disco pela Casa Edison (Odeon), *Brejeiro* (“O sertanejo enamorado”), com letra do poeta e trovador Catullo da Paixão Cearense e cantada por Mário Pinheiro. E, nesse ano, ainda, viu as edições princeps dos “tangos” *Escovado* e *Ferramenta*; sendo que na partitura desse último, logo abaixo do nome do autor, apareceu o mais antigo registro do epíteto “rei do tango”.

Pelo menos, até o Natal de 1906, o compositor ainda se encontrava trabalhando na Casa Vieira Machado & Cia., à Rua do Ouvidor, nº 147 (novo endereço).

No ano seguinte, 1907, pela Casa Vieira Machado & Cia., teve editado o seu único “maxixe”, *Dengoso*; que se tornaria, a partir de 1914, nos EUA, o primeiro grande sucesso de uma música brasileira naquele país.

Em 1908, aos 45 anos, Ernesto Nazareth passou a trabalhar como pianista demonstrador da Casa Mozart, de propriedade do amigo português Lino José Barbosa, situada à Avenida Central (depois Avenida Rio Branco), nº 127. E entre agosto e novembro, convidado pelo maestro Alberto Nepomuceno, apresentou-se, por duas vezes, interpretando somente músicas suas, na “Exposição Nacional”, evento realizado na Praia Vermelha, em comemoração ao centenário da “Abertura dos Portos”.

No dia 6 de junho de 1909, Nazareth tomou parte em um recital realizado no Instituto Nacional de Música, localizado à Rua Luís de Camões (atual Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica), no qual interpretou, de sua autoria, a gavota *Corbeille de fleurs* e o “tango característico” *Batuque*. Na ocasião, ainda acompanhou Heitor Villa-Lobos na peça *Le cygne*, de Saint-Saëns, para violoncello e piano; podendo ter sido a primeira apresentação pública de Villa-Lobos (com 22 anos de idade), pois, até hoje, não se conhece registro com data anterior. E, nesse mesmo ano, começou a dividir suas atividades entre a Casa Mozart e a sala de espera do antigo Cinema Odeon, à Avenida Central, nº 137, esquina com Rua Sete de Setembro.

Em 1910, por conta própria, editou o “tango” *Odeon*, dedicado à empresa proprietária do cinema. Dois anos depois, 1912, registrou em discos da Casa Edison (Odeon), acompanhado pelo flautista Pedro de Alcântara, seus “tangos” *Odeon* e *Favorito*, mais as polcas *Linguagem do coração*, de Joaquim Antonio da Silva Callado Jr., e *Choro e poesia*, do próprio Alcântara.

Já em 1913, viu publicado seu “tango” *Carioca*, dedicado ao ator Olympio Nogueira, e deixou o Cinema Odeon, continuando, porém, com seus afazeres junto à Casa Mozart. São desse ano, também, as edições do “tango característico” *Batuque*, dedicado ao maestro Henrique Oswald, e da valsa *Confidências*, dedicada a Catullo da Paixão Cearense.

A polca *Apanhei-te, cavaquinho!...*, publicada em 1914, alcançaria retumbante sucesso, sendo da mesma época a edição de um catálogo da Casa Beethoven (Nascimento Silva & Cia.), situada à Rua do Ouvidor, nº 175, no qual constavam os títulos de 19 composições de Nazareth gravadas em rolos de pianola, confeccionados nos Estados Unidos da América.

Aos 30 de setembro de 1915, no Theatro Recreio, à Praça Tiradentes, interpretando algumas de suas composições, participou da peça musical “Ouro sobre azul”,

escrita e protagonizada por Maria Lina, atriz e dançarina nascida na Itália e considerada, no Brasil, a “Rainha do Maxixe”.

Em 1917, retornou ao Cinema Odeon, exercendo também a função de pianista de uma pequena orquestra, na qual Villa-Lobos tomava parte como violoncelista. No dia 1º de dezembro, faleceu, com 25 anos, em consequência de profunda anemia, sua filha Maria de Lourdes.

Já no ano seguinte, 1918, saiu definitivamente do Odeon, sendo oportuno lembrar que em sua segunda temporada junto a esse estabelecimento, Ernesto Nazareth conheceu Arthur Rubinstein e Darius Milhaud.

Em 1919, começou a trabalhar como pianista demonstrador da Casa Carlos Gomes, à Rua Gonçalves Dias, nº 75, de propriedade do também pianista e compositor Eduardo Souto. Nessa época, conheceu o jovem compositor e regente Francisco Mignone.

No Theatro Lyrico, em 9 de junho de 1920, participou de evento promovido por Catullo da Paixão Cearense, com renda em benefício do baixo Mário Pinheiro, contando, ainda, com as presenças do tenor Vicente Celestino, da violonista, compositora e intérprete espanhola Josephina Robledo e do compositor Heitor Villa-Lobos, regendo, de sua autoria, um “Poema Symphonico”.

Dois anos depois, 1921, Villa-Lobos dedicou a ele a peça *Choros nº 1*, para violão. E aos 20 de junho, apresentou-se em evento social realizado no salão nobre do Colégio da Imaculada Conceição, à Praia de Botafogo, interpretando, de sua autoria, *Batuque*, *Extase* (romance sem palavras) e *Capricho*. Na mesma ocasião, tomou parte o jovem pianista e posteriormente compositor e regente Walter Burle Marx. Em 6 de setembro, no Salão Nobre do Jornal do Commercio, tomou parte de recital promovido pela Sociedade Brasileira Protectora dos Animaes, cuja finalidade seria a construção de um asilo para cães abandonados e uma enfermaria veterinária.

Quanto ao “tango” *O futurista*, terminado e primeiramente editado em 1922, o autor procurou mostrar aos compositores “modernistas” da época que “mesmo que uma música apresente dissonâncias, não precisa ser, necessariamente, desprovida de alguma beleza!...” E aos 16 de dezembro, a convite de Luciano Gallet, interpretou no Instituto Nacional de Música, à Rua do Passeio, nº 98, seus “tangos” *Brejeiro*, *Nenê*, *Bambino* e *Turuna*.

Em 26 de janeiro de 1923, Ernesto Nazareth apresentou-se em mais um evento com as presenças do poeta e trovador Catullo da Paixão Cearense e do tenor Vicente Celestino. Dessa feita, no Theatro Trianon, à Avenida Rio Branco, nº 181.

No exato dia de seu aniversário, em 20 de março de 1925, no Salão Nobre do Centro Paulista, à Praça Tiradentes, nº 10 (ou 12), Ernesto Nazareth foi

homenageado com um recital organizado pela pianista e compositora Alzira Mariath, sua amiga ainda dos tempos da mocidade. Na ocasião, ele interpretou *Êxtase* (romance), na versão canto, violino e piano, e *Nazareth* (polca), para piano solo. No final desse ano, deixou a Casa Carlos Gomes, passando a dedicar-se aos preparativos de uma turnê por São Paulo.

Em março de 1926, participou de evento social na embaixada do México, em Botafogo, sendo recebido pelo então embaixador Pascual Ortiz Rubio, que seria eleito, poucos anos depois, em 1929, presidente daquele país. E, aos 10 de abril, partiu para São Paulo, onde se apresentou em duas das mais importantes salas na capital daquele estado: Conservatório Dramático e Musical, por três vezes (junho, setembro e outubro), e Teatro Municipal (novembro); inclusive, seu recital, nesse último, foi precedido de uma palestra de Mário de Andrade, na qual o eminente escritor e musicólogo paulistano dissertou a respeito da obra do compositor carioca. Esteve, ainda, nas cidades de Campinas, Sorocaba e Tatuí. Na época, entusiasmado com as atenções a ele dispensadas, verdadeiramente consagradoras, procurou editar algumas de suas obras inéditas, como os “tangos” *Desengonçado*, *Paulicéa*, *como és formosa!...* e *Quebra-cabeças*, mais as valsas *Celestial*, *Dirce* e *Elegantíssima*.

Onze meses depois, portanto em março de 1927, retornou ao Rio de Janeiro, trazendo um piano vertical da marca Zanzin, presente de admiradores, e os manuscritos dos “tangos” *Cruzeiro*, *Cubanos* e *Paraíso* (estilo milonga). Nesse ano, editou o “tango” *Proeminente*, dedicado ao pianista polonês Mieczyslaw (“Miécio”) Horszowski.

No mês de dezembro de 1928, levando-se em conta a data da publicação de sua primeira música, a polca-lundu *Você bem sabe* (1878), Ernesto Nazareth completou cinquenta anos de atividades artísticas.

Aos 30 de janeiro de 1929, apresentou-se em programa transmitido pela Rádio Club do Brasil, no qual participaram o soprano lírico negro, Zaíra de Oliveira, o clarinetista Luiz Americano e o cantor (e ventríloquo) Batista Júnior, pai das futuras cantoras Linda e Dirce Batista. Em 5 de maio, faleceu, de causas naturais, aos 74 anos, sua esposa Theodora Amália.

E entre o final desse mesmo ano e o princípio do seguinte, Ernesto Nazareth ainda compôs três marchas carnavalescas: *Exuberante*, *Crises em penca* e *Comigo é na madeira*.

Em junho de 1930, terminou aquela que seria a sua última composição: a valsa lenta *Resignação*. Em setembro, aceitando convite feito por Eduardo Souto, então diretor artístico da Odeon-Parlophon, gravou *Apanhei-te, cavaquinho!...*, *Escovado*, *Nenê* e *Turuna*, sendo comercializado somente o disco que continha as duas primeiras músicas.

No ano seguinte, 1931, apresentou-se em programas das rádios Sociedade do Rio de Janeiro (atual Rádio MEC), dias 10 e 19 de março, e Mayrink Veiga, dia 19 de maio.

Aos 5 de janeiro de 1932, interpretou músicas de sua autoria em recital no Studio Nicolas, à Rua Alcindo Guanabara, nº 55, 2º andar. Já no dia 9, sábado, entre 21:15 e 23 horas, participou da edição do rádio-jornal da Sociedade Rádio Educadora do Brasil (PRAC), tocando a valsa *Dora* e os “tangos” *Magnífico*, *Turuna*, *Brejeiro* e *Gaúcho*. Na ocasião, foi anunciada por essa emissora, sua excursão ao Sul. E no dia 15, em companhia da filha Eulina e da amiga Maria Mercedes Mendes Teixeira, partiu no navio Itapé para o Rio Grande do Sul, vindo a se apresentar em Porto Alegre (28/01), Rosário (19/02), e Sant’Anna do Livramento (26/02). Na turnê, levava consigo sua última composição editada, *Gaúcho*, “tango brasileiro” oferecido “Ao Nobre Povo Gaúcho”.

Encerrada a viagem por aquele estado, rumou a Montevideú, capital do Uruguai, de onde embarcaria de volta ao Rio de Janeiro. Todavia, durante um passeio pela cidade, sofreu séria crise nervosa dentro da casa de instrumentos musicais de Julio Mousqués, então situada à Rua (Calle) Ituzaingó, do nº 1377 ao nº 1391.

Já no Rio, apresentou alguma melhora. Porém, poucos meses depois, com o agravamento de seu quadro neurológico, foi diagnosticada a sífilis e diante da irreversibilidade da doença, fez-se necessário sua internação, em 10 de julho, no Serviço de Neuro-sífilis da Fundação Gaffrée & Guinle, em Botafogo, primeiro hospital do Brasil dedicado exclusivamente ao tratamento dessa doença.

Aos 19 de janeiro de 1933, retornou à sua casa. Contudo, cinquenta dias depois, em 4 de março, foi internado na Colônia para Psicopatas Juliano Moreira, em Jacarepaguá.

Em 1º de fevereiro de 1934, após fugir da Colônia, veio a falecer afogado nas águas de uma represa situada em floresta aos fundos do manicômio. Seu corpo foi encontrado no dia 4 e sepultado no dia seguinte, no Cemitério de São Francisco Xavier. O compositor contava com a idade de 70 anos, 10 meses e 10 dias.

Ernesto Nazareth deixou para a posteridade 88 “tangos”, 41 valsas, 28 polcas e mais hinos, sambas, marchas, quadrilhas, “schottisches”, “fox-trots”, romances, entre outros gêneros, perfazendo um total de 212 composições de autoria confirmada.

**LUIZ ANTONIO DE ALMEIDA**  
Pesquisador da Música Brasileira  
Biógrafo de Ernesto Nazareth

Maio 2020